

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Bernardo Silveira Linck

**GRUPOS DE CORRIDA DE PORTO ALEGRE: LEVANTAMENTO SOBRE ESSES
LUGARES DE SOCIABILIDADES URBANAS**

Porto Alegre
2018

Bernardo Silveira Linck

**GRUPOS DE CORRIDA DE PORTO ALEGRE: LEVANTAMENTO SOBRE ESSES
LUGARES DE SOCIABILIDADES URBANAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física, submetido como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Educação Física na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Myskiw

**Porto Alegre
2018**

Bernardo Silveira Linck

**GRUPOS DE CORRIDA DE PORTO ALEGRE: LEVANTAMENTO SOBRE ESSES
LUGARES DE SOCIABILIDADES URBANAS**

Conceito final: _____

Aprovado em _____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mauro Myskiw – UFRGS

Profa. Dra. Ariane Corrêa Pacheco – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos membros do Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas Públicas de Esporte e Lazer da Rede CEDES-RS e do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em especial ao professor Mauro Myskiw por toda sua exemplar dedicação como professor e orientador.

RESUMO

Perante um grande crescimento da corrida de rua e também dos grupos de assessorias esportivas relacionadas à corrida, o trabalho apresentado abordou o fenômeno dos grupos de corrida como espaços privilegiados de sociabilidade urbana. Considerando as corridas como expressões de sociabilidade, também foram investigadas características dos grupos de corrida constituídos na cidade de Porto Alegre. Desta forma, este trabalho teve como objetivo geral conhecer e analisar formas de constituição de grupos de corrida de rua na cidade de Porto Alegre e, a partir deste foram desenvolvidos os seguintes objetivos específicos: 1) mapear os grupos de corrida existentes na cidade de Porto Alegre; 2) buscar informações sobre identidades e lideranças desses grupos; 3) verificar os seus tipos e tamanhos; 4) identificar condições de práticas na cidade. Foi realizado um estudo de caráter exploratório de viés qualitativo, buscando uma maior familiaridade e proximidade com o problema do trabalho e, como procedimento para coleta de dados foi realizado um levantamento através do preenchimento de um formulário. Participaram da pesquisa os representantes de 15 grupos. Os resultados indicaram que: os grupos possuem, em média, 47 participantes; 54% dos participantes são do sexo feminino; os grupos possuem, em média, 2 profissionais de Educação Física; dos 15 grupos participantes, 9 são vinculados a assessorias esportivas e nenhum a clube esportivo, empresa privada ou à prefeitura municipal; todos os grupos participam de competições ou eventos de corrida de rua; a maioria dos grupos participa de competições internacionais; a maioria dos grupos leva, pelo menos, uma estrutura de tenda para as competições ou eventos que participam; os locais e horários de encontros dos grupos de corrida, assim como os trajetos realizados pelos corredores, por vezes, se repetem. Para além dessas informações mais descritivas, é possível supor que as práticas corporais, principalmente aquelas voltadas ao lazer, se desenvolvem como espaços importantes de sociabilidade.

Palavras-chave: Grupos de Corrida; Sociabilidade Urbana; Porto Alegre.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	SOCIABILIDADES URBANAS NAS PRÁTICAS CORPORAIS	9
3	O FENÔMENO DOS GRUPOS DE CORRIDA DE RUA	13
3.1	A CORRIDA NAS RUAS DAS CIDADES.....	14
3.2	OS GRUPOS DE CORRIDA DE RUA.....	16
3.3	AS CORRIDAS DE RUA EM PORTO ALEGRE.....	18
4	ESCOLHAS METODOLÓGICAS	21
4.1	CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	21
4.2	INTERLOCUTORES DA PESQUISA.....	22
4.3	PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	22
4.4	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO.....	24
5	GRUPOS DE CORRIDA DE PORTO ALEGRE	25
5.1	TAMANHO DO GRUPO.....	25
5.2	TIPO DO GRUPO.....	26
5.3	CONDIÇÕES PARA AS PRÁTICAS.....	29
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
7	REFERÊNCIAS	34
	APÊNDICE	37

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata de um fenômeno crescente na vida urbana: a constituição de grupos de corrida de rua. Nos últimos anos a corrida de rua vem ganhando muitos adeptos, além do grande aumento nos números de provas desse tipo de modalidade (DALLARI, 2009; OLIVEIRA, 2010; GONÇALVES, 2011). Segundo matéria do Globo Esporte (2014), naquele período a corrida de rua já era o segundo esporte mais praticado no Brasil tanto por atletas amadores quanto por atletas profissionais.

Este crescimento, conforme Gonçalves (2011), se deve a algumas peculiaridades da corrida de rua: a facilidade de receber qualquer praticante da modalidade; o corredor não precisa ter necessariamente uma habilidade específica para participar; fácil acesso da população; baixo custo para organizadores, treinamento e participação; caracterizando-se por ser uma atividade física popular ou de massa e, inclusive, por ser considerada uma atividade relevante na perspectiva do lazer.

Além destes motivos, não é possível deixar de mencionar o fato de a corrida poder prevenir doenças, melhorar a aptidão física, ou até mesmo auxiliar na conquista de um padrão estético. Devido à disseminação das informações a respeito dos benefícios dos exercícios físicos, a procura e o interesse da população pela prática aumentou, em especial, pelas corridas de rua (MENDONÇA; SANTANA; BRITO, 2012)

Muito embora eu reconheça a importância das questões relacionadas a prevenção ou recuperação de problemas de saúde, a melhoria da aptidão física ou a conquista de atributos corporais valorizados, não é exatamente nessa direção que este trabalho se desenvolve. Inclusive, eu poderia questionar a própria ideia de que a corrida, por ser uma atividade simples, seja de fácil acesso, uma vez que uma série de demarcações simbólicas e de classe estão relacionadas a essa prática corporal. Mas não é essa a questão deste estudo. Procuro, aqui, trazer a discussão dos grupos de corrida de rua como espaços privilegiados de sociabilidade urbana.

Ao se estabelecer como manifestação cultural da cidade contemporânea, a corrida possibilitou uma nova dinâmica para a função social da rua – um lugar não apenas de trabalho, comércio e que serve apenas para o incessante fluxo de veículos motorizados ou o local do desencontro de um amontoado de seres humanos, porém, como meio propício à sociabilidade (AUGUSTI; AGUIAR, 2011).

Para Augusti e Aguiar (2011), a rua, portanto, é o espaço público onde transcorrem as relações sociais entre os corredores, o local onde eles vivenciam suas semelhanças e diferenças socioculturais. É o palco da expressão da sociabilidade entre os corredores, o termo comum para o cumprimento de tarefas semelhantes (completar o percurso da disputa), em meio a objetivos distintos (vitória, recorde pessoal, estética, lazer, saúde e qualidade de vida, etc.).

Ora, se, as corridas de rua são a expressão de sociabilidades urbanas, me interessei em investigar como se caracterizam os grupos, especificamente aqueles que se constituem na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Nesta pesquisa, portanto, o leitor não encontrará um estudo aprofundado sobre as formas de sociabilidades, mas terá acesso a uma análise, ainda de caráter exploratória, sobre aspectos que configuram os grupos de corrida da cidade de Porto Alegre. Assim, o objetivo deste trabalho foi: conhecer e analisar formas de constituição de grupos de corrida de rua na cidade de Porto Alegre.

Para desenvolver essa investigação, tendo em vista este objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos: 1) mapear os grupos de corrida existentes na cidade de Porto Alegre; 2) buscar informações sobre identidades e lideranças desses grupos; 3) verificar os seus tipos e tamanhos; e 4) identificar condições de práticas na cidade.

O presente trabalho foi realizado em Porto Alegre, cidade onde vivo e percebo pelas ruas um grande aumento no número de corredores, que muitas vezes estão correndo em grupos ou utilizando camisetas de seus grupos de corrida. Apesar de a corrida ser um esporte individual, a formação de grupos de corrida, principalmente como forma de sociabilidade me chamou atenção ao perceber amigos e colegas fazendo parte destes grupos.

Com o crescimento dos grupos de corrida na cidade, aumentam as possibilidades e o campo de trabalho para o profissional de educação Física e, desta forma, conhecer e analisar as formas de constituição dos grupos é de suma importância para quem pretende trabalhar nesta área. Outro ponto importante, é que além dos motivos de estética e saúde, é interessante para o profissional da educação física entender outros motivos que levam as pessoas a praticarem esportes e entre eles está a sociabilidade, que será abordada também neste trabalho.

O primeiro capítulo do trabalho trata, de forma introdutória, da questão da sociabilidade, procurando demarcar um conceito a ser utilizado nas práticas corporais e relacionando com o fenômeno dos grupos de corrida.

Nos próximos capítulos tratarei sobre o fenômeno dos grupos de corrida de rua, abordando brevemente o contexto histórico da criação dos primeiros grupos de corrida e os possíveis motivos do grande crescimento do esporte no Brasil. Também apresento a corrida como parte do atletismo, expondo alguns dados sobre a história da corrida, seu desenvolvimento e mudanças com o passar dos anos. Após isto, abordo de forma mais específica os grupos de corrida de rua e as corridas de rua na cidade de Porto Alegre e, a partir disto, descrevo os procedimentos metodológicos da pesquisa.

2 SOCIABILIDADES URBANAS NAS PRÁTICAS CORPORAIS

Os Grupos de Corrida de Rua estão sendo compreendidos, neste trabalho, como lugares privilegiados de sociabilidades urbanas relacionadas a práticas corporais. Dessa forma, me coube um investimento de estudos para esclarecer e demarcar, mesmo que de modo inicial, algumas noções sobre sociabilidades urbanas e suas relações com as práticas corporais.

Um dos trabalhos estudados, que procurou demarcar o conceito de sociabilidade – em especial das práticas corporais no lazer -, foi o de Fernando González (2007). Para este autor, não são poucos os usos da sociabilidade, mas é restrita a preocupação em se aprofundar no conceito, lidando como se esta noção fosse autoexplicativa. Isso pode acontecer devido ao verbete sociabilidade não fazer parte da relação de conceitos definidos ou problematizados em muitos dicionários de sociologia e antropologia.

Com base nessa constatação, González (2007), em seu ensaio, passa a trazer um conjunto de reflexões baseadas em outros autores¹, os quais eu procuro sintetizar aqui na forma de tópicos, apenas para caracterizar a existência de um debate:

- Silva (2000) e Vázquez (1986) afirmam que o emprego do termo “sociabilidade” permite constatar a utilização do conceito com sentidos diversos e abrangentes, próximo de uma ideia genérica referida à relação entre indivíduo e sociedade ou certa competência para viver em sociedade.
- Gurvicht (1962) percebe a sociabilidade de forma ampla, entendendo que ela constitui os ingredientes mais elementares que compõem a realidade social, ou seja, as múltiplas formas de estar vinculado pelo todo e no todo, que se manifestam em diferentes graus de atualidade e virtualidade, se combatem e combinam em todo grupo, em todas as classes e em toda sociedade global.
- Beachler (1996) define a sociabilidade basicamente como “as relações desenvolvidas por indivíduos ou grupos, quando essas relações não se traduzem na formação de um grupo suscetível de funcionar como uma unidade de

¹ Os autores e suas obras mencionadas nos itens foram citados na obra de González (2007).

atividade” (p. 77). O autor divide esta ideia maior de sociabilidade em três gêneros diferentes: as redes, a civilidade e a civilização.

- 1) As redes são definidas como “os laços, mais ou menos fracos, sólidos e exclusivos, que cada ator social estabelece com outros autores, os quais estão também em relação com outros atores, e assim por diante” (BEACHLER, 1996, p. 77).
 - 2) No gênero civilidade podem aplicar-se os critérios de relação formais e informais, de organizado e desorganizado. A sociabilidade pode traduzir-se em grupos formais e organizados (podendo formar unidades do ponto de vista jurídico e administrativo, por exemplo), mas cuja finalidade é propor aos seus membros espaços sociais, onde possam alcançar objetivos específicos, podendo ser principal deles o prazer de estar juntos (BEACHLER, 1996, p. 82).
 - 3) Civilização é trazida como a última extensão da sociabilidade. A civilização é “em si mesma um produto das atividades humanas, é o produto da natureza mais geral possível entre os produtos simultaneamente humanos e históricos, e um produto formado por produtos de todas as ordens” (BEACHLER, 1996, p. 86).
- Simmel (1983) definiu sociabilidade como uma forma lúdica de *sociação*, na qual a interação entre os sujeitos ganha relevância em relação ao conteúdo. Nesse contexto, a proposta de Simmel pautava-se na ideia de que a sociedade se constituiu da interação entre indivíduos e que, nessa interação, pode ser distinguida a forma (relacionada com a maneira que as *sociações* acontecem) do conteúdo (relacionado com “o porquê” de elas acontecerem). Desta forma, quando uma interação social não acontece com fins e metas a serem alcançados como produtos, estaríamos diante de uma manifestação de sociabilidade. Assim, se alguém entra no jogo pretendendo instrumentalizar o momento para um determinado fim, a sociabilidade simplesmente desvanece.
 - Giddens (2005) aponta a sociabilidade no sentido de interação social, mais próximo de uma ideia que representa qualquer forma de encontro social (formal ou informal) entre indivíduos no cotidiano e que compõe grande parte da vida dos sujeitos.

- Velho (2001) afirma que a sociabilidade é esse território em que você está lidando com as interações, com as redes de interações, com as situações interacionais dos mais, diferentes tipos.

Notei, nas exposições trazidas por González (2007), que sociabilidade é um conceito bastante abrangente, que denota viver em sociedade, baseando-se na incorporação e usos elementos mais elementares para isso, nos distintos grupos e classes. Nas sociabilidades é possível desenvolver laços mais fracos ou mais fortes, mas fundamentalmente está mais voltado para a interação do que para o próprio conteúdo desta.

Essa questão – a sociabilidade – ganha seus contornos não imune à cidade, à vida urbana, daí a importância de abordar, também, a sociabilidade urbana. Em uma metrópole, por exemplo, teremos interações dos mais diversos tipos entre os mais diversos sujeitos. Interações estas que são pautadas por especificidades como determinações, escolhas, valores, sinais de pertencimento a determinados grupos. Além de interações entre si mesmos, os grupos formados e os sujeitos sociais interagem com o espaço urbano em que se inserem. Para tratar disso, Magnani (2007), baseado em um conjunto de pesquisas etnográficas, apresenta distintos conceitos que ajudam a compreender as sociabilidades urbanas:

- Utiliza o conceito *pedaço* para designar aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.
- Apresenta o conceito de *mancha*, que seriam áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam uma atividade ou prática predominante, utilizado para descrever determinado tipo de arranjo espacial estável na paisagem urbana.
- Trata do conceito de *circuito*, e o define como uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais. A noção de circuito designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos – possibilitando, desta forma, o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação, manejo de códigos.

Pedaços, manchas e circuitos são, portanto, formas de sociabilidades urbanas, nas quais a corrida de rua pode ser um elemento articulador. É isso que mencionam Augusti e Aguiar (2011), afirmando que como suporte de sociabilidade para os corredores, a rua adquire significados para além do senso comum. Ela se estabelece como o ponto de encontro entre desconhecidos e do reconhecimento de uma diversidade de usos e costumes proporcionados pela desigualdade social e cultural. É assim que a corrida, que tem a rua como palco e cenário de sua manifestação, possibilita aos corredores o fenômeno da sociabilidade urbana. Esta deve ser capaz de romper com as barreiras sociais, culturais e econômicas que, em outras situações do cotidiano, se erguem imponentes e intransponíveis entre os indivíduos.

As práticas corporais – sobretudo aquelas que se aproximam das experiências no/de lazer – frequentemente se desenvolvem como universos de sociabilidades importantes na vida das pessoas. Quando falamos de práticas corporais de/no lazer, podemos remeter à imagem de pessoas interagindo em contextos diferentes do trabalho e família, por exemplo. Segundo González (2007), esta interação alcança diferentes características, dependendo dos inúmeros elementos que se colocam em jogo nas situações específicas.

Com este viés, o autor faz a seguinte colocação: As organizações formais (clubes, academias, escolas, associações) e informais (grupos de amigos, grupos de conhecidos, grupos de desconhecidos) que cultivam essas atividades, como os espaços onde são realizados (espaços privados, públicos), condicionam as possibilidades da sociabilidade se constituir numa forma de relação mais ou menos presente no espaço de um grupo. Jogar Futebol num grupo auto organizado, nos finais de semana, propicia as mesmas possibilidades de *sociação* e sociabilidade alcançadas quando se faz parte de um grupo de academia? Provavelmente não, daí a necessidade de entender as características dos grupos de sociabilidades que se fundamentam em práticas corporais, entre elas – aqui em destaque – dos grupos de corrida de rua.

3 O FENÔMENO DOS GRUPOS DE CORRIDA DE RUA

Neste capítulo apresento um conjunto de informações que colaboraram na compreensão do fenômeno de corrida de rua, entre elas dados que estão em enunciados que marcam uma versão histórica. Com isso, quero dizer que, apesar da apresentação desses dados históricos, não tenho a pretensão de desenvolver um trabalho no campo da história ou da memória. O propósito é apenas evidenciar a presença de um fenômeno importante na vida das pessoas: a corrida de rua.

Iniciamos com a explanação de Marinho (2017), para quem as abordagens sobre o crescimento da corrida de rua no mundo e no Brasil, a partir da década de 1970, passam pelas referências do papel de William Bowerman, com a invenção/popularização do *jogging* e de Kennet H. Cooper, criador do *cooper*, nessa sucessão.

Em 1982, em um contexto do aumento do interesse por parte da população brasileira pelas corridas de rua, surge um grupo de corredores chamado Corredores Paulistas Reunidos (CORPORE). Este grupo passou a realizar provas cada vez mais organizadas e estruturadas, sobretudo na região de Ibirapuera (São Paulo, SP) e foi um dos responsáveis pelo grande crescimento do número de pessoas que começaram a praticar corrida, principalmente na cidade de São Paulo entre os anos de 1993 e 1998 (SILVA, 2009 *apud* MARINHO, 2017).

Segundo Silva (2009, p. 20, *apud* MARINHO, 2017), quando a corrida começou a ter cada vez mais destaque em programas de qualidade de vida dentro das empresas, além de uma grande importância para as mídias de consumo, houve um novo *boom* das corridas de rua no ano de 2005. É neste cenário que surgem as primeiras assessorias esportivas oferecendo treinamentos personalizados para grupos de corredores amadores (MARINHO, 2017). Para o autor:

Em relação às assessorias, como vimos, estas são consideradas uma das grandes responsáveis pelo crescimento do número de corridas de rua no Brasil. A partir delas, essa prática vai se expandindo, se inserindo em uma lógica mercantil. Elas oferecem serviços como orientação de treinos, na maioria das vezes buscando associá-los à área da nutrição, da medicina esportiva, por exemplo, que consideram necessárias para o bom desempenho de seus “clientes” (MARINHO, 2017)

3.1 A corrida nas ruas das cidades

Atualmente, o critério da Associação Internacional das Federações de Atletismo/IAAF define as Corridas de Rua como as disputadas em circuitos de rua, avenidas e estradas com distâncias oficiais variando entre 5 e 100 km (SALGADO; MIKAHIL, 2006).

A prática da corrida faz parte do atletismo, prova esportiva tradicional que compõem os Jogos Olímpicos. De acordo com Dallari (2009), após a primeira Maratona Olímpica nos jogos modernos, as corridas de rua se propagaram cada vez mais e as primeiras corridas de rua, como as que vemos hoje, tiveram início no século XVII, se consolidando na Inglaterra, praticadas por trabalhadores. Já no Brasil as primeiras corridas datam do início do século XX, sendo que a prova mais conhecida e prestigiada do país teve sua primeira edição realizada no ano de 1925, a Corrida de São Silvestre, realizada na cidade de São Paulo.

Em sua primeira edição, a Corrida São Silvestre tinha apenas 60 corredores inscritos, sendo que apenas 48 compareceram ao local da prova. Apenas na década de 70 a participação de atletas amadores foi liberada, juntamente com o pelotão de elite, embora com largadas diferentes em ambos pelotões (LIMA; PASSETTI, 2007, apud MENDONÇA; SANTANA; BRITO, 2012). Já no ano de 2014, houve recorde de inscrições, com 30 mil participantes.

Após a década de 1970, houve nos Estados Unidos um advento chamado *Jogging Boom*, baseado nas teorias apresentadas pelo médico americano Kenneth Cooper, que pregava a prática da corrida como forma de lazer e busca pela saúde. Houve assim um aumento significativo no número de provas e de participantes nas corridas de rua (SALGADO; CHACON-MIKAHIL, 2006).

Segundo Frizzo (2006), não é possível afirmar a data em que se iniciou o movimento das corridas de rua, até porque este movimento foi difundido internacionalmente, principalmente na América do Norte, na Europa e no Brasil.

Nas últimas décadas, a adesão de corredores nas provas de rua passou a prestigiar a participação em detrimento à competição (SALGADO; CHACON-MIKAHIL, 2006). Segundo a Confederação Brasileira de Atletismo, a corrida de rua é hoje uma das maiores manifestações esportivas no Brasil, com centenas de provas em todo o país e milhares de participantes (LIMA; PASSETI, 2007, p.22).

O estudo de Salgado e Chacon-Mikahil (2006) apresenta dados sobre eventos de corrida de rua no estado de São Paulo e demonstra um aumento significativo no número de provas realizadas nos últimos anos. Em 2001 foram realizados 11 eventos, enquanto que em 2005 foram realizados 174. Esta evolução ocorreu também no número de participantes inscritos. Em uma tradicional prova realizada anualmente, o número de inscritos aumentou de 1.010, em 1993, para 30.248, em 2004.

Segundo dados disponíveis no site da Federação Paulista de Atletismo (2017), no ano de 2016 ocorreram 424 provas de corrida de rua no Estado com um total de 906.930 participantes. Um aumento de 2,17% no número de provas e 25,24% no número de participantes em comparação com 2015 (ver quadro 1).

Quadro 1 – Demonstrativo de corridas de rua nos últimos anos no Estado de São Paulo

Demonstrativo de Corridas de Rua nos últimos Anos no Estado de São Paulo						
Ano	Provas	Cresc. Provas	Participantes	Condição	Cresc. Participantes	Condição
1	11		Sem dados		Sem dados	
2	17	54,55%	Sem dados		Sem dados	
3	34	100%	Sem dados		Sem dados	
4	107	214,71%	146.022	Estimado	Sem dados	
5	168	57,01%	209.501	Estimado	43,47%	Estimado
6	182	8,33%	233.557	Estimado	11,48%	Estimado
7	195	7,14%	283.960	Real	21,58%	Estimado
8	217	11,28%	372.352	Real	31,13%	Real
9	240	10,60%	401.465	Real	7,82%	Real
10	287	19,58%	416.210	Real	3,67%	Real
11	298	3,83%	464.057	Real	11,50%	Real
12	311	4,36%	533.629	Real	14,99%	Real
13	323	3,86%	566.236	Real	6%	Real
14	361	11,76%	653.140	Real	15,35%	Real
2015	415	14,96%	724.130	Real	10,87%	Real
2016	424	2,17%	906.930	Real	25,24%	Real

Fonte: <http://www.atletismofpa.org.br/estatistica-2016.html,67>

Devido a este aumento no número de praticantes de corridas de rua em todo o Brasil, as assessorias esportivas em corrida vêm ganhando cada vez mais força no cenário atual.

Oliveira (2010), aponta mudanças no contexto da corrida e expõe a articulação de três fenômenos principais que têm que acontecido na sociedade:

- 1) A transição de perfil do participante das corridas de rua, alterando as relações percentuais de gênero, faixa etária, classe social e nível de performance;
- 2) O surgimento de novos modelos de eventos de corridas;
- 3) O surgimento dos grupos de corrida, que dá conta de agregar os novos perfis de corredores, se coloca como alternativa de emprego para ex-atletas e sofre influências pedagógicas baseadas em valores carregados por esses novos profissionais (p. 25).

Segundo o autor, os grupos para correr em coletivo são construções recentes do “mundo das corridas”.

3.2 Os grupos de corrida de rua

Tendo como base o trabalho de Barbanti (1994), entendo como grupo um conjunto de pessoas que apresentam o mesmo comportamento e a mesma atitude, e com um objetivo comum que condiciona a coesão de seus membros. O grupo pode ser entendido como uma quantidade de indivíduos considerados como detentores de uma qualidade ou qualidades em comum. É constituído por duas ou mais pessoas de modo que possa haver comunicação entre elas pela voz ou gesto, as quais interagem e se influenciam mutuamente e são reconhecidas pelo modo especial de interação.

Ao empregar este conceito, há um entendimento de que se trata de um Grupo de Corrida como um conjunto de pessoas que buscam na corrida e através da corrida, um meio de exercitar-se criando vínculos e redes de sociabilidade com as demais pessoas do grupo. Essa pode ser uma forma de tornar a prática da Corrida de Rua algo mais prazeroso, já que os membros do grupo apresentam comportamentos, atitudes e objetivos em comum (LOPES, 2011).

O motivo de realização de uma atividade está relacionado aos esforços de um indivíduo em dominar uma tarefa, atingir seus limites, superar obstáculos,

desempenhar melhor que outros e ter orgulho de seu talento. Para programar intervenções que sejam eficazes no campo da atividade física, é necessário conhecer a motivação do grupo, os fatores associados à prática de atividade física no ambiente estudado. Além disso, em nível individual, é imprescindível identificar as intenções e motivações para adoção e manutenção de um estilo de vida fisicamente ativo (DUMITH *et al.*, 2008, apud TRUCCOLO; MADURO; FEIJÓ, 2008).

A prática da corrida tem atraído muitos praticantes devido ao gasto calórico produzido e a aquisição e manutenção de uma aparência considerada atraente. Mas, a prescrição do exercício é um aspecto relevante que se encontra associado ao da aderência aos programas. Se os promotores da saúde desejam que as pessoas adiram e permaneçam nos programas propostos devem, também, promover atividades que produzam alegria, satisfação e mantenham as pessoas interessadas. Por isso, acredita-se que com o conhecimento destas razões – motivadoras – tornará possível a elaboração de programas de atividade física que sejam atraentes e eficazes, conseguindo atingir um percentual de aderência mais elevado (TRUCOLO, MADURO, FEIJÓ, 2008).

Segundo Truccolo, Maduro e Feijó (2008), os fatores psicológicos, sociais e fisiológicos parecem ser igualmente importantes para as mulheres aderirem a um grupo de corrida. Por outro lado, os autores mostram que os homens têm no exercício físico uma ferramenta de melhora psicológica, bem mais importante do que qualquer outro fator fisiológico ou social. Conforme Truccolo, Maduro, Feijó (2008), aderência à prática da corrida não foi motivada por uma insatisfação com a imagem corporal, mas antes pelo convívio obtido através da prática da mesma em grupo com outros de idade e interesses similares.

Desta forma, percebemos aspectos importantes de sociabilidade podem estar ligados aos grupos de corrida. A motivação para a prática da corrida em grupo também está ligada ao bem-estar dos participantes e não a motivações diretamente ligadas a alterações no corpo. A consciência a respeito do que leva o indivíduo a buscar alguma atividade física, ou seja, um objetivo claramente definido, assim como, a experimentar seus benefícios psicológicos, parece fundamental para mantê-lo consideravelmente motivado e com a autoestima elevada.

Truccolo (2008), Albuquerque (2007), Massarela (2009), Senna Junior (2012) reforçam a ideia de que o pertencimento a um grupo é fundamental para a tomar a decisão de buscar a corrida como atividade rotineira. Romanini (2009) cita que a

possibilidade de juntar os benefícios da atividade física à ampliação do círculo de amizades ajuda a explicar o aumento do número de associados em grupos de corrida no país. De acordo com o autor, o número de associados em clubes de corrida no Brasil era de 1.000 em 1998 e saltou para 100.000 em 2009.

Segundo Balbinotti (2015) e Dallari (2009), grupos esportivos se desenvolvem sem a necessidade de formalidades e isso não diminui os compromissos assumidos pelos integrantes. Esse fator pode ser capaz de contagiar os novos integrantes. Para Cartaxo (2012) as características de um grupo somadas às facilidades de participação em corridas, pela quantidade de oferta, ou até mesmo pela naturalidade de correr, concorrem como escolhas daqueles que buscam novos desafios concomitantes com as associações grupais.

Em grupos de corrida podemos supor que há excitações não só durante uma preparação para uma competição, ou nela mesma, mas também em uma competição interna com os próprios componentes de seu grupo, podendo gerar assim uma sensação de poder na hierarquia do grupo (RODRIGUES; TELLES, 2017).

Podemos observar, também, a diferença entre motivações em corredores que treinam sem acompanhamento profissional em relação aos que pertencem a grupos de corrida. Franco (2010), a partir do trabalho intitulado “comparação de fatores motivacionais entre corredores de rua de equipes e individuais”, obteve resultados que mostraram que os corredores de equipe dão muita importância a aspectos de saúde, buscando no esporte as ferramentas necessárias para uma boa forma física. Segundo o autor, os aspectos de lazer tiveram importância para os dois grupos, porém foi mais importante para os atletas de equipe, onde o encontro com amigos é um dos motivos pelo qual é mantido este tipo de trabalho e faz a busca por melhores resultados. Já os aspectos de competição, conforme os achados de Franco (2010), não foram considerados de grande importância para grande parte dos corredores de grupos, mostrando que há bastante cooperação entre essas pessoas e que a busca pelos objetivos depende muito do esforço de cada um.

3.3 As corridas de rua em Porto Alegre

As práticas atualmente integrantes do desporto atletismo, onde encontram-se as corridas, foram trazidas pelos imigrantes alemães para Porto Alegre e inseridas nas sociedades de ginástica a partir de 1867, quando foi fundada a primeira

sociedade de ginástica do Rio Grande do Sul, atual Sociedade de Ginástica de Porto Alegre, a SOGIPA (MAZO; MADURO; PEREIRA, 2010). Segundo os referidos autores, a prática do atletismo era estimulada nas sociedades de ginástica visando à saúde corporal e à educação moral dos jovens, mas também no intuito de preservar a identidade étnico-cultural dos imigrantes alemães e seus descendentes.

Conforme Bueno (2001), *apud* Mazo, Maduro e Pereira (2010), as corridas de rua e, principalmente, as competições de corrida de rua foram incentivadas pela Associação Cristã de Moços (ACM), que foi instalada em Porto Alegre em 1901 e pouco tempo depois de sua fundação organizou a primeira corrida de rua da cidade.

Segundo Frizzo (2006), em Porto Alegre, a difusão do movimento das corridas, após o *Jogging Boom* foi visível nas ruas, quando se percebe que os espaços públicos da cidade, principalmente o Parque Moinhos de Vento, foram ocupados por grupos adeptos das atividades aeróbicas. Estas pessoas se encontravam para correr, discutir técnicas de treinamento publicadas em revistas e periódicos especializadas, e também para mobilizar um grupo de pessoas para que fosse criado o Clube de Corredores.

O Clube de Corredores de Porto Alegre (CORPA) surgiu com a ideia de formar uma entidade que promovesse evento de corridas de rua de forma organizada, pois segundo Aguzzoli (2008, *apud* PINHEIRO, 2012), havia corridas sem o mínimo de segurança nem percurso estabelecido. Desta forma, após a mobilização de um grande grupo de amantes das corridas, em 1981 foi fundado do CORPA, que, segundo seu estatuto, tem por finalidade:

- a) Reunir, em associação, pessoas interessadas, como participantes ou simpatizantes de corrida de rua, de marcha atlética, mesmo que associadas a outras entidades esportivas;
- b) Incentivar a prática de corridas de rua, marcha atlética, promovendo competições;
- c) Promover a divulgação de competições, seus resultados e informações atuais, bem como promover intercâmbio desportivo com outros clubes congêneres;
- d) Promover conferências, debates e estudos sobre assuntos correlatos à corrida;
- e) Prestar assistência médica e jurídica a seus associados, quando necessário, em decorrência de sua atividade no clube;
- f) Proporcionar orientação técnica esportiva aos associados; e

g) Propugnar pela sadia prática esportiva, em todas as faixas de idade. (Ata da Assembleia Geral de Fundação do Clube dos Corredores de Porto Alegre – CORPA, 1981, p.2, apud PINHEIRO, 2012).

Após a aprovação do estatuto, iniciaram-se as atividades do CORPA, que tomou para si o compromisso de realizar a Maratona de Porto Alegre (PINHEIRO, 2012).

Após a criação do CORPA, as corridas de rua no Rio Grande do Sul ganharam espaço para além dos clubes, com a criação da Associação dos Corredores de Rua de Uruguaiana (1983) e do Clube de Corredores de Rua de Passo Fundo (1985), segundo Zannata (2009, apud Pinheiro, 2012). Segundo Pinheiro (2012), podemos depreender que a criação do CORPA é parte integrante de um processo de organização do atletismo gaúcho e da necessidade de organização das práticas corporais relacionadas às corridas.

4 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Neste capítulo apresento informações sobre as escolhas metodológicas desenvolvidas para o atendimento dos objetivos específicos e geral do trabalho. São apontamentos acerca das características da investigação, dos colaboradores, dos procedimentos de produção e de análises das informações.

4.1 Caracterização do estudo

O presente trabalho foi realizado por meio de um estudo exploratório com um viés qualitativo. Estudos com esta característica são investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos.

Segundo Koche (1997, p.126), os estudos exploratórios são utilizados em casos em que o investigador não possui um conhecimento aprofundado a respeito dos fenômenos e problemas a serem estudados, ou seja, que não apresentam ainda um sistema de teorias e conhecimentos desenvolvidos. Nesse caso, Koche (1997) explica sobre a necessidade de desencadear um processo de investigação que identifique a natureza do fenômeno e aponte as características essenciais das variáveis que se quer estudar. Conforme o autor, na pesquisa exploratória não se trabalha com relação entre variáveis, mas com o levantamento da presença das variáveis e da sua caracterização quantitativa ou qualitativa.

Corroborando com a percepção de estudo exploratório utilizada neste trabalho, Gil (2007) diz que este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcional maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Segundo o autor, estas pesquisas têm como principal objetivo o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Ambas definições supracitadas se encaixam perfeitamente no modelo deste trabalho, que foi desenvolvido com o propósito de produzir uma aproximação com o fenômeno das corridas de rua de Porto Alegre, em especial com os grupos de corrida.

Além disso, o presente trabalho apresenta uma abordagem qualitativa. Este tipo de abordagem não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. O trabalho foi desenvolvido nesta perspectiva qualitativa. O resultado numérico não é o objetivo principal, mas apenas uma informação a ser questionada durante a análise das respostas.

O procedimento técnico utilizado para a coleta dos dados apresentados neste trabalho foi o “levantamento”, que é caracterizado por Gil (2002, p.50), como um método de interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, analisar.

4.2 Interlocutores da pesquisa

Os participantes do trabalho foram 15 grupos de corrida da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. As entrevistas para o levantamento dos dados foram realizadas diretamente com os proprietários dos grupos ou seus representantes via contato telefônico ou correio eletrônico. Foram obtidas 15 respostas de diferentes grupos de corrida. Para participar da pesquisa era necessário que o grupo tivesse sede na cidade de Porto Alegre e que utilizasse as ruas da cidade para os treinamentos e competições.

4.3 Procedimentos e instrumentos de pesquisa

Os procedimentos relativos ao levantamento de dados da pesquisa foram realizados mediante trabalho em equipe dos membros do Centro de Desenvolvimento de Pesquisas em Políticas Públicas de Esporte e Lazer da Rede CEDES-RS e do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF) da Escola de

Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Foi criado um formulário a partir do pacote de aplicativos *Google Docs*. O formulário foi nomeado “Mapeamento de grupos de corrida de Porto Alegre/RS e condições das práticas” e foi composto por questões pertencentes ao grupo “identificação/contato do grupo”, “tamanho/tipo do grupo” e “condições para as práticas”. Este formulário está disponível no Anexo 1.

O formulário foi pensado e organizado com base nos objetivos do trabalho. As questões sobre identificação, *websites* e locais de encontro, nos ajuda a fazer um primeiro mapeamento da ocupação dos grupos no território da cidade. Questões sobre vínculo do grupo, número de corredores e número de profissionais que trabalham no grupo nos ajudam a verificar quais são os principais tipos e tamanhos dos grupos de corrida. Para identificar condições de práticas dos grupos, foram utilizadas perguntas sobre locais, horários e dias de encontro dos grupos, assim como quais trajetos eram realizados pelas ruas da cidade.

Inicialmente, por meio de sites de busca na internet, foram registrados 70 contatos (telefônico e correio eletrônico) de diversos grupos de corrida da cidade de Porto Alegre. A partir disso, os membros da Rede CEDES-RS e do grupo GESEF participantes da pesquisa, dividiram entre si os contatos dos grupos de corrida a serem entrevistados. Neste momento, o coletivo de pesquisa teve dificuldade em obter o número de respostas pretendidos. Houve grande esforço da equipe para que todos os grupos de corridas fossem contatados e preenchessem o formulário, entretanto, encontramos dificuldades. Alguns responsáveis por determinados grupos não estavam dispostos a responder o formulário, alegando falta de tempo ou até mesmo por estar em férias. Outros informavam uma data em que estariam disponíveis para o preenchimento, porém acabaram por não preencher. Outros grupos nos informaram ter sede em cidades diferentes de Porto Alegre e, desta forma, não participaram do trabalho.

Após as solicitações, reforços de solicitações e agendamentos frustrados, dos 70 grupos de corridas contatados, apenas 15 grupos responderam o formulário da pesquisa. Optei por não identificar os nomes dos grupos que participaram da investigação, tendo em vista questões éticas de pesquisa e preocupações relativas aos usos das informações descritas no capítulo de resultados. Assim, os Grupos serão numerados de 1 a 15 na próxima seção do trabalho.

4.4 Procedimentos de análise e interpretação

A partir do próximo capítulo, apresentarei as informações obtidas através da coleta de dados realizada a partir do formulário preenchido pelos participantes. O conteúdo está exposto em forma de tabelas, divididas conforme a organização do formulário utilizado na pesquisa. Nesta análise, descrevo as informações obtidas pelas respostas dos participantes e procuro relacionar com resultados de outros trabalhos, buscando algumas interpretações em diálogos com a literatura que trata dos grupos de corrida, assim como a respeito da sociabilidade.

5 GRUPOS DE CORRIDA DE PORTO ALEGRE

Neste capítulo apresento os dados obtidos através do preenchimento dos relatórios pelos responsáveis dos 15 grupos de corrida. A maioria dos dados estão organizados em forma de tabela, para melhor visualização das respostas. O capítulo está estruturado conforme a organização do formulário utilizado na pesquisa, sendo dividido em: tamanho do grupo, tipo do grupo e condições para as práticas.

5.1 Tamanho do Grupo

Em relação as questões relacionadas ao tamanho dos grupos, apresento a tabela abaixo:

Tabela 1 – Tamanho dos grupos

Nome do grupo	Número Total de Participantes	Masculino	Feminino	Profissionais de Educação Física	Estagiários
Grupo de Corrida 01	70				
Grupo de Corrida 02	20	5	15	1	0
Grupo de Corrida 03	40	15	25	3	1
Grupo de Corrida 04	100	45	55	2	0
Grupo de Corrida 05	47	22	25	1	0
Grupo de Corrida 06	15	8	7	2	0
Grupo de Corrida 07	35	13	22	1	0
Grupo de Corrida 08	30	12	18	3	0
Grupo de Corrida 09	38	10	28	3	1
Grupo de Corrida 10	190	90	100	4	3
Grupo de Corrida 11	22	13	9	1	0
Grupo de Corrida 12	20	7	13	1	0
Grupo de Corrida 13	30	20	10	2	0
Grupo de Corrida 14	30	20	10	1	0
Grupo de Corrida 15	20	12	8	2	0
Média	47,1	20,8	24,6	2	0,3

Fonte: elaboração do autor.

Analisando a tabela a cima percebemos que dos 15 grupos, um não respondeu quantos participantes do seu grupo são do sexo masculino ou feminino. Dentro dos 14 grupos que preencheram esta questão, percebemos que apenas 4 têm mais participantes homens do que participantes mulheres e que em um total de 637 participantes (soma do total de participantes dos 14 grupos), 345 são mulheres (54,16%).

O mesmo grupo que não distinguiu o número dos participantes do sexo masculino e feminino, não respondeu quantos profissionais e estagiários trabalham no grupo. Analisando os 14 participantes que responderam, percebemos que nestes grupos há um total de 27 profissionais da Educação Física trabalhando e que há, também, grupos com até 3 estagiários da área atuando.

Conforme dados levantados em fase inicial da pesquisa, podemos afirmar que 14 grupos representam uma pequena parcela do total de grupos de corrida que existem em Porto Alegre. Destaco que apenas 14 grupos, apresentados na pesquisa, mobilizam 637 atletas e 27 profissionais de Educação Física, além dos estagiários. Estes números nos sugerem que os grupos de corrida são um amplo espaço de sociabilidade urbana, devido ao grande número de pessoas envolvidas voltadas a finalidades semelhantes.

Segundo os resultados, 54,16% dos participantes dos grupos de corrida são mulheres. Estes resultados eram esperados, pois segundo Dallari (2009), hoje em dia (diferente do século XX), as mulheres participam de provas no mundo todo, inclusive maratonas, e, em alguns casos representam mais de 50% dos corredores. Conforme trabalho de Truccolo, Maduro e Feijó (2008), as mulheres são um público altamente aderente a modalidade da corrida de rua e os autores afirmam que a aderência dos participantes à prática de corrida foi motivada antes pelo convívio obtido através da prática em grupo do que por insatisfação com a imagem corporal, o que corrobora com a ideia de que os grupos de corrida são fortes espaços de sociabilidade urbana.

5.2 Tipo do Grupo

Ao falar do tipo do grupo, questionamos os participantes sobre a criação e ou vínculo do grupo de corrida. Analisando as 15 respostas obtidas, percebemos que 9 grupos são vinculados a assessorias esportivas, 5 grupos são vinculados a academias, centros de treinamentos ou estúdios e 1 vinculado a coletivo de pessoas

que se organizam para correr. Nenhum dos participantes era vinculado a clube esportivo, empresa privada ou à prefeitura municipal.

Todos grupos integrantes da pesquisa participam de competições e ou eventos de corrida. A tabela abaixo (2) demonstra quais são as principais cidades em que os grupos de corrida realizam suas participações:

Tabela 2 – Locais de competição

Nome do grupo	Porto Alegre (RS)	Florianópolis (SC)	Interior RS	América do Sul	Outras cidades e estados
Grupo de Corrida 01	x	x		x	x
Grupo de Corrida 02	x		x		
Grupo de Corrida 03	x			x	
Grupo de Corrida 04	x		x		x
Grupo de Corrida 05	x	x	x	x	x
Grupo de Corrida 06	x		x		x
Grupo de Corrida 07	x	x			
Grupo de Corrida 08	x		x	x	
Grupo de Corrida 09	x				x
Grupo de Corrida 10	x				x
Grupo de Corrida 11	x				
Grupo de Corrida 12	x		x	x	x
Grupo de Corrida 13	x				x
Grupo de Corrida 14	x		x		x
Grupo de Corrida 15	x	x			x

Fonte: elaboração do autor.

Podemos perceber que apenas um dos grupos participa de competições e ou eventos apenas na cidade de Porto Alegre. Os demais grupos participam de competições no interior do estado do Rio Grande do Sul, Florianópolis ou até mesmo em cidades fora do Brasil (América do Sul). Durante a análise dos formulários, as cidades localizadas fora do Brasil que apareceram nas respostas dos participantes foram Montevideu (Uruguai), Assunção (Paraguai), Buenos Aires (Argentina). Um grupo respondeu também que havia participado de eventos no Chile e em Portugal (estes fazem parte da coluna “outras cidades e estados”).

A tabela 3, a seguir, ilustra as respostas dos participantes da pesquisa em relação à estrutura que é levada para as competições que a equipe participa:

Tabela 3 – Estrutura levada para competições

Nome do grupo	Número Total de Participantes	Tenda	Alimentação / Hidratação	Equipamentos	Nenhuma	Não Respondeu
Grupo de Corrida 01	70					x
Grupo de Corrida 02	20	x				
Grupo de Corrida 03	40	x	x	x		
Grupo de Corrida 04	100	x	x	x		
Grupo de Corrida 05	47	x	x	x		
Grupo de Corrida 06	15				x	
Grupo de Corrida 07	35	x	x	x		
Grupo de Corrida 08	30	x	x	x		
Grupo de Corrida 09	38	x	x	x		
Grupo de Corrida 10	190	x				
Grupo de Corrida 11	22	x		x		
Grupo de Corrida 12	20					x
Grupo de Corrida 13	30				x	
Grupo de Corrida 14	30	x				
Grupo de Corrida 15	20	x	x	x		

Fonte: elaboração do autor.

Com base nas respostas, percebemos que todos que montam alguma estrutura nos eventos que participam, levam, pelo menos, uma tenda. Entretanto, no formulário, não havia um campo específico questionando sobre o que acompanharia esta tenda (como alimentação, hidratação, colchonetes, macas, *etc.*). Dessa forma, apenas em algumas respostas há o que de fato acompanha a estrutura da tenda. Faço esta observação, pois, dificilmente o grupo de corrida montaria uma tenda em evento sem alguma estrutura interna, principalmente os grupos com maior número de integrantes.

Destaco aqui o fato de a maioria dos grupos participarem de corridas/eventos fora do local sede da equipe. Segundo reportagem do Portal Uai (2017) de Belo Horizonte, muitos grupos estão participando de competições internacionais concentradas principalmente na América do Sul, Estados Unidos e Europa. Conforme a reportagem, isso se deve à possibilidade de conhecer percursos novos, gente de

diferentes locais do mundo e poder aproveitar para realizar roteiros turísticos. Segundo um dos entrevistados da reportagem, o fato de estar em grupo é uma grande recompensa: “Brincamos o tempo todo, conhecemos pessoas novas, enfim, é muito gratificante”.

Os dados apresentados, assim como a reportagem citada, nos sugerem que as viagens que os grupos de corrida realizam para participarem de competições fora da cidade de origem, ou até mesmo do país, são também importantes momentos de sociabilidade proporcionada pelo esporte. Podemos pensar desta forma também em relação à estrutura montada em um evento de corrida de rua, onde os participantes do grupo se reúnem antes e após a competição, promovendo ali, mais uma clara expressão de sociabilidade.

Estou me referindo aqui a uma interpretação – ainda de caráter exploratória – de que não apenas o conteúdo da corrida (técnicas, resultados, equipamentos, conhecimentos, etc.) mobiliza as pessoas a buscarem outros percursos, mas também a busca de interações sociais cujos sentidos estão nela mesma (as novas possibilidades de interação, de conversas, de convivências). Isso dialoga com o conceito de sociabilidade no lazer apresentado no ensaio de González (2007) e também me possibilita em cogitar a existência de uma sociabilidade urbana de “percursos”, esta uma categoria que pode ser estudada mais densamente noutras investigações, tal como a de pedaço, mancha ou circuito apresentadas e fundamentadas por Magnani (2007).

5.3 Condições para as práticas

A tabela 5 (na próxima página) demonstra quais os principais locais de encontro dos grupos de corrida participantes da pesquisa. Nela é possível notar que o Parque Redenção, Praça da Encol, pista do Centro Estadual de Treinamento Esportivo - CETE -, Parcão, Parque Marinha do Brasil, Shopping Iguatemi e Usina do Gasômetro foram os locais mais citados nas respostas do formulário. Percebi que apenas um dos grupos realiza seus encontros na ESEFID (Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS) e também apenas um grupo se reúne em sede própria. Conforme respostas, os grupos que não utilizam pistas de corrida/atletismo, preferindo os Parques/Praças e o corredor da Usina do Gasômetro.

Tabela 4 – Principais locais de encontro

Nome do grupo	Redenção	Praça da Encol	CETE	Parcão	Marinha	ESEFID	Iguatemi	Gasômetro	Sede do grupo
Grupo de Corrida 01	x	X	x	x	x				
Grupo de Corrida 02			x			x			
Grupo de Corrida 03	x			x					
Grupo de Corrida 04			x		x		x		
Grupo de Corrida 05			x						
Grupo de Corrida 06									x
Grupo de Corrida 07									
Grupo de Corrida 08			x	x				x	
Grupo de Corrida 09	x			x			x		
Grupo de Corrida 10	x	X		x				x	
Grupo de Corrida 11	x	X		x					
Grupo de Corrida 12	x							x	
Grupo de Corrida 13								x	
Grupo de Corrida 14									
Grupo de Corrida 15	x			x				x	

Fonte: elaboração do autor.

Além das pistas de parques e centros de treinamento, os grupos de corrida utilizam também as ruas, propriamente ditas, como espaço de treinamento. Este fato, por si só, proporciona grande capacidade de sociabilidade e segundo Augusti Aguiar (2011):

A interação entre os indivíduos na busca de determinadas finalidades é o que define a sociabilidade. Deste modo, o indivíduo, ao correr pelas ruas da cidade, recria o espaço urbano e amplia as suas possibilidades de usos e costumes, onde a rua se apresenta como palco e cenário da busca de um mundo melhor – a esperança da melhor qualidade de vida, da aventura e da realização pessoal (AUGUSTI; AGUIAR, 2011).

Podemos perceber, a partir das tabelas apresentadas, que os locais mais utilizados pelos grupos são as praças e parques da cidade de Porto Alegre. Destaco que, muitas das vezes, os locais de encontro dos grupos coincidem-se e, isto nos sugere que pode existir sociabilidade não apenas nos grupos de corrida, mas também entre os grupos que ocupam espaços semelhantes para realizar a prática da corrida.

Esse tipo de sociabilidade pode ser relacionado com o que Magnani (2007) chama de *circuito*, que já foi exposto no segundo capítulo deste trabalho. Para o autor,

o conceito de circuito está relacionado ao exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço, equipamento ou espaço, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais (os *habitués*). Segundo Magnani (2007), *circuito* também designa um uso do espaço e de equipamentos urbanos, possibilitando o exercício da sociabilidade.

Tais circuitos – ou poderia cogitar uma noção de *percursos* se estes não estiverem necessariamente conectados na forma de um circuito – de corrida, conforme mostra a tabela 5, envolve horários de encontro dos grupos e a estrutura ofertada para os alunos durante as sessões de treinamento:

Tabela 5 – Horários de encontro e materiais disponibilizados

Nome do grupo	Dias da semana	Horários	Materiais
Grupo de Corrida 01	Todos	Variados	Não respondeu
Grupo de Corrida 02	3ª e 5ª	7h às 8h / 20h às 21h	Hidratação e equipamentos de treinamento
Grupo de Corrida 03	2ª a 5ª	7h, 9h e 19h.	hidratação e colchonetes
Grupo de Corrida 04	2ª a sábado	Não respondeu	Hidratação
Grupo de Corrida 05	3ª e 5ª	18h às 21h	Hidratação
Grupo de Corrida 06	3ª, 4ª e 5ª	Não respondeu	Uso da academia, piscina e sala de musculação
Grupo de Corrida 07	3ª, 5ª e sábado	9h e 19h	Hidratação e colchonetes
Grupo de Corrida 08	2ª e 3ª e dias combinados	Turno da noite	Hidratação e guarda volumes
Grupo de Corrida 09	2ª a 5ª e sábados	Turnos manhã e noite	Hidratação
Grupo de Corrida 10	2ª a 5ª e sábados	Não respondeu	Hidratação, guarda volumes e colchonetes
Grupo de Corrida 11	3ª e 5ª e sábado	Não respondeu	Hidratação e colchonetes
Grupo de Corrida 12	Não respondeu	Não respondeu	Hidratação e guarda volumes
Grupo de Corrida 13	Todos os dias	Individualizado	Não respondeu
Grupo de Corrida 14	2ª a 6ª e dias combinados	Individualizado	Equipe de apoio
Grupo de Corrida 15	2ª, 4ª e sábado	8h30 e 18h30	Equipamentos para corrida

Fonte: elaboração do autor.

Os dias da semana de encontro e treinamentos se repetem pelos grupos. A maioria dos grupos têm seus encontros marcados em dias alternados durante a semana, até mesmo se encontram todos os dias ou com horários e dias previamente combinados entre os integrantes e os professores.

Os materiais e estrutura disponibilizados para os alunos durante os treinamentos variam dentre os grupos, entretanto os mais comuns são, além da disponibilidade de fonte de hidratação, colchonetes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante um grande crescimento da corrida de rua e também dos grupos de assessorias esportivas relacionadas à corrida, o trabalho apresentado abordou o fenômeno dos grupos de corrida como espaços privilegiados de sociabilidade urbana. Considerando as corridas como expressões de sociabilidade, também foram investigadas características dos grupos de corrida constituídos na cidade de Porto Alegre. Desta forma, este trabalho teve como objetivo geral conhecer e analisar formas de constituição de grupos de corrida de rua na cidade de Porto Alegre, procurando tomá-los como lugares de sociabilidades vinculadas às práticas corporais.

Analisando as informações produzidas, podemos ter como resposta para as formas de constituição dos grupos de corrida da cidade de Porto Alegre, as seguintes informações:

- Os grupos possuem, em média, 47 participantes;
- 54% dos participantes são do sexo feminino;
- Os grupos possuem, em média, 2 profissionais de educação física;
- Dos 15 grupos participantes, 9 são vinculados a assessorias esportivas e nenhum a clube esportivo, empresa privada ou à prefeitura municipal;
- Todos os grupos participam de competições ou eventos de corrida de rua;
- A maioria dos grupos participa de competições internacionais;
- A maioria dos grupos leva, pelo menos, uma estrutura de tenda para as competições ou eventos que participam;
- Os locais e horários de encontros dos grupos de corrida, assim como os trajetos realizados pelos corredores, por vezes, se repetem;

Para além dessas informações mais descritivas, é possível supor que as práticas corporais, principalmente aquelas voltadas ao lazer, se desenvolvem como espaços importantes de sociabilidade. O alto número de pessoas envolvidas e movidas por um mesmo objetivo, a reunião dos grupos em suas tendas antes, durante e depois dos eventos de corrida, as organizações de viagens para a participação em eventos internacionais e a própria interação que pode ocorrer entre os grupos de corrida - pelo fato de compartilharem, muitas vezes, os mesmos espaços de treinamento durante os dias da semana-, são fatos que corroboram para concluirmos

que os grupos de corrida podem ser espaços privilegiados de sociabilidade urbana. Nesse sentido é que chego a sugerir uma possibilidade interpretativa baseada na noção de percursos de sociabilidade, algo que pode se diferenciar da noção de circuito de lazer, na medida em que os percursos não necessariamente se conectam.

O presente trabalho apresentou limitação, principalmente, em relação ao número de grupos de corrida participantes da pesquisa, porém acredito que foi um passo importante para que outros trabalhos sejam realizados nesta linha de pesquisa que é de muita importância para o entendimento da sociabilidade urbana e práticas corporais.

7 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, R.C. de. **Comportamento do Consumidor de Materiais Esportivos para a Prática da Corrida de Rua na Região metropolitana de Belo Horizonte**. 2007. 103f. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) - Faculdades Integradas de Pedro Leopoldo. Pedro Leopoldo, MG, 2007.

AUGUSTI, M.; AGUIAR, C.M. Corrida de rua e sociabilidade. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 16, nº159, Agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd159/corrida-de-rua-e-sociabilidade.htm>>. Acesso em: 25 out. 2017.

BALBINOTTI, M.A. *et al.* Perfis motivacionais de corredores de rua com diferentes tempos de prática. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n.1, p. 65-73, 2015.

BARBANTI, V. J. **Dicionário de Educação Física e do Esporte**. São Paulo: Manole Ltda, 1994.

CARTAXO, C.A.F. **Amizade, Corpo e Consumo entre Corredores de Rua de Assessorias Esportivas na Zona Sul do Rio de Janeiro**. 2012. 97f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

DALLARI, M.M. **Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo**. São Paulo: USP, 2009. 130f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE ATLETISMO. **Estatística 2016**. Disponível em: <<http://www.atletismofpa.org.br/estatistica-2016.html,67>>. Acessado em: out. 2017.

FRANCO, K. N. **Comparação de fatores motivacionais entre corredores de rua de equipes e individuais**. 2010. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Curso de Licenciatura em Educação Física, Escola de Educação Física, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

FRIZZO, G. F. E. A criação da Maratona de Porto Alegre. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 11, nº100, Setembro, 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd100/maratona.htm>>. Acesso em: 25 out. 2017.

GONÇALVES, G. H. T. **Corrida de rua: um estudo sobre os motivos de adesão e permanência de corredores amadores de Porto Alegre**. 2011. 52f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Curso de Bacharelado em Educação Física, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

GONZÁLEZ, F. J. Sociabilidades e práticas corporais: leitura de uma relação. In: STIGGER, M.P.; GONZÁLEZ, J.M.; DA SILVEIRA, Raquel (Org.). **O esporte na cidade**: estudos etnográficos sobre sociabilidades esportivas em espaços urbanos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.13-30.

LOPES, M. E. **Grupos de Corrida de Rua em Porto Alegre**: estratégias de marketing nos sites. 2011. 56 f. Monografia (Graduação Educação Física) – Curso de Bacharelado em Educação Física, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MAGNANI, J.G.C. Introdução circuito de jovens. In: MAGNANI, J.G.C.; DE SOUZA, B. M. (Orgs.). **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

MARINHO, M.B. A constituição dos grupos de corrida de rua da cidade de Alagoinhas-BA e a configuração de identidades. In: 18. CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 2017, **Anais...** Brasília, 2017.

MASSARELLA, F.L.; WINTERSTEIN, P.J. A motivação intrínseca e o estado de mental *flow* em corredores de rua. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 02, p. 45-68, abr./jul., 2009.

MAZO, J.Z.; MADURO, P.A.; PEREIRA, E.L. A prática do atletismo nas Associações Desportivas da cidade de Porto Alegre/Rio Grande do Sul nas primeiras décadas do século XX: primeiros indícios. **Arquivo em Movimento**: Revista eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos – UFRJ, Rio de Janeiro, v.2, n. 6, p. 42-56, jul./dez.2010.

MENDONÇA, M. O.; SANTANA, F. J.; BRITO, C. J. . Corrida de Rua. Aspectos Históricos, Metodológicos e Organizacionais. In: OLIVEIRA, A.F.S.; HAIACHI, M.C. (Orgs.). **Ciclo de Debates em Estudos Olímpicos**: Mega Eventos Esportivos e seus Impactos nos Estados Periféricos. São Cristóvão: UFS, 2011, v. 1, p. 125-139.

OLIVEIRA, S. N. **Lazer sério e envelhecimento**: loucos por corrida. 2010. 102f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

PINHEIRO, J.P.C. **A história da maratona de Porto Alegre e sua contribuição para a popularização das corridas de rua na cidade**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Curso Bacharelado em Educação Física, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PORTAL UAI. Saúde Plena. **Grupos de atletas estão investindo em competições internacionais**. Disponível em:

<<https://www.uai.com.br/app/noticia/saude/2014/03/09/noticias->

[saude,192813/grupos-de-atletas-estao-investindo-em-competicoes-internacionais.shtml](http://saude.192813/grupos-de-atletas-estao-investindo-em-competicoes-internacionais.shtml)>. Acessado em dezembro de 2017.

RODRIGUES, J.P.; TELLES, S.C. Corrida além das esteiras: o que leva os alunos de academias a correr nas ruas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2017, **Anais...** Goiânia, 2017.

ROMANINI, Carolina. **Correr é fazer amigos**. Veja, 2009 24 jun. edição 2118. Disponível em: <http://www.corpore.org.br/cws_imprimirconteudogeral.asp?idc=2717> acesso em 26/10/2017.

SALGADO, J. V. V.; CHACON-MIKAHIL, M. P. T. Corrida de Rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes. **Conexões**, Campinas, v.4, 1, pp. 100-109, 2006.

SENNA JUNIOR, A. W. **Motivação e Flow-Feeling na Corrida de Rua**. 2012. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2012.

TRUCCOLO, A. B. Fatores Motivacionais de Adesão a Grupos de Corridas. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 14, n. 2, 2008.

TRUCCOLO, A.B.; MADURO, P.A.; FEIJÓ, E.A. Fatores motivacionais de adesão a grupos de corrida. **Motriz**, Rio Claro, v.14, n.2 p.108-114, abr./jun. 2008.

APÊNDICE

Mapeamento de Grupos de Corrida de Porto Alegre/RS e condições das práticas

Pesquisa sobre grupos de corrida de Porto Alegre

*Obrigatório

IDENTIFICAÇÃO/CONTATO DO GRUPO

1. Nome do Grupo *

2. Nome do(s) fundador(es) e/ou do(s) proprietário(s) *

3. Telefone de contato:

4. E-mail:

5. Website, Facebook, Instagram, Twitter...

TAMANHO/TIPO DO GRUPO

6. Número total de alunos corredores

7. Número total de alunos-corredores do sexo feminino

8. Número total de alunos-corredores do sexo masculino

9. Número de Profissionais de Educação Física que trabalham no Grupo de Corrida

10. Número de Estagiários de Educação Física que trabalham no Grupo de Corrida

11. Criação/vínculo do grupo*Marcar apenas uma oval.*

- Grupo vinculado a Academia/Centros de Treinamento/Estúdios
- Grupo vinculado a Assessoria Esportiva
- Grupo vinculado a coletivos de pessoas que se organizaram para correr
- Grupo vinculado a Associação/Clube Esportivo/Social
- Grupos vinculados a Empresas Privadas
- Grupos vinculados a Programas da Prefeitura Municipal
- Outro: _____

12. Se há vínculo com Academia, Assessoria, Clube, Empresa, Governo, indique qual a instituição/entidade.

13. O Grupo participa de Competições/Eventos de corridas?*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

14. Se participa de competições/eventos, qual(is) e em qual(is) cidades?

15. Que tipo de estrutura o Grupo monta (leva) para as competições?

CONDIÇÕES PARA AS PRÁTICAS

16. Quais os locais e horários de encontro do grupo em cada dia da semana?

17. Quais dias da semana ocorrem os treinamentos/encontros do grupo?

18. Caso o grupo não utilize pistas de corrida, quais trajetos são realizados pelas ruas da cidade?

19. Que tipos de estruturas o Grupo oferta para os alunos nos dias/horários de treinamento?
